

O axé presente no samba-enredo das escolas de samba de Porto Alegre e suas possibilidades de ensino

Jornal da Universidade / 17 de novembro de 2022 / Artigo, Especial Carnaval



Artigo | Estudante de História, Muara Farias busca na produção melódica e verbal das agremiações do carnaval possibilidades de contribuir com o ensino das culturas afro-brasileiras e africanas

*Imagem: Gustavo Assarian

É sabido que as escolas de samba possuem linguagens específicas que afetam toda comunidade carnavalesca, bem como o universo que alcançam. Podemos pensar em linguagens como maneiras de nos comunicarmos com o mundo e, nesse sentido, as comunicações variam, podendo ser expressões corpóreas. Com essa função, temos, no meio carnavalesco, a comissão de frente, os casais de mestre sala e porta-bandeira, as queridas baianas, porta-estandartes, os casais de passistas, todos de certa maneira envolvidos em uma proposta *lúdica*, junto dos carros alegóricos e fantasias, e que estão de acordo com o enredo proposto para o carnaval que a escola vai levar para a avenida. Temos as expressões musicais que transmitem os ritmos e também as narrativas, que atravessam gerações por meio de um dos segmentos centrais para um desfile de escola de samba: o samba-enredo.

A noção de samba-enredo refere-se à produção melódica e textual a partir da construção de um tema escolhido pela escola de samba. É importante salientar que existem vários tipos de samba-enredo: temos os sambas com características afro-brasileiras, africanas, históricas, literárias, indígenas, de patrocínio, de compromisso e crítica social, entre outros; o foco principal da minha pesquisa, no entanto, são os sambas-enredo afro-brasileiros e africanos.

A partir das primeiras experiências no curso de História, enquanto aluna, passei a enxergar o mundo fora do contexto acadêmico com o intuito de aprender observando e ouvindo, para, assim, identificar as narrativas que me compõem enquanto mulher negra e que poderiam fazer parte do meu ocupar o curso de licenciatura. Entre esses pilares de observação e escuta, as escolas de samba ganharam destaque no meu desenvolvimento educativo.

Em 2019, meu irmão, efetivamente envolvido com o Carnaval de Porto Alegre, me convidou para participar do festival de samba-enredo de uma das escolas que compõem o grupo ouro das séries carnavalescas da cidade. O festival de samba-enredo é um encontro de compositores que submetem suas obras à avaliação da comunidade carnavalesca a fim de que seja escolhida a obra que mais se encaixa com o carnaval que a agremiação pretende levar ao desfile.

No mesmo ano, pude auxiliar na construção do enredo e do samba-enredo de uma das escolas que faz parte do grupo prata na ordem dos desfiles. Foram duas experiências marcantes na minha vida, sobretudo no âmbito da educação, pois nas duas oportunidades os enredos envolviam a presença negra em sua construção, sendo uma delas um Griô, contador de histórias, musicista, que, através da oralidade, compartilham saberes e memórias da cultura africana e afro-brasileira e, nesse caso, contando a história de 80 anos da escola; já na outra agremiação, a homenagem era para as Yabás, orixás femininas, pela força e pelo amor que as mulheres que passaram pela escola tiveram nos 40 carnavais do pavilhão.

Para essas duas experiências, mantive o olhar educativo: comecei a pensar o carnaval com o recorte para o samba-enredo como possibilidade de estar contribuindo para o ensino das culturas afro-brasileiras e africanas.

Como já citado, o samba-enredo faz parte da comunicação de uma escola de samba. Partindo desse princípio, dei início a uma pesquisa qualitativa, baseada no que a intelectual negra Azoida Trindade intitula como Valores Civilizatórios. Trata-se de princípios existentes nas culturas afro-brasileiras e africanas, entre os quais estão a Energia Vital, Oralidade, Memória, Corporeidade, Musicalidade, Circularidade, Ludicidade, Ancestralidade e Religiosidade. Eles são centrais para compreender a grandeza das composições da cidade e suas possibilidades de ensino.

Ao confluir os princípios existentes na cultura afro-brasileira e africana e o samba-enredo, pude perceber como as obras se relacionam com o mundo no momento em que são divulgadas pela escola de samba. A título de exemplo, temos os compositores enlaçados aos princípios de *Cooperatividade*, uma vez que unificam seus conhecimentos a fim de dar uma estrutura escrita e melódica à narrativa que a escola levará para o desfile.

Outros segmentos da agremiação que também vão ao encontro dos princípios citados são alguns destaques, como as passistas, que encantam o público com suas performances *Corporais*, os ritmistas, que se comunicam com toda a escola através da mistura dos ritmos, as queridas baianas, que atravessam gerações compartilhando saberes da escola, mestres de baterias e as particularidades de cada bateria que transmitem *Energia* aos corpos presentes nos ensaios, nas muambas e nos desfiles, a harmonia que através da *Musicalidade* mantém vivas as melodias dos sambas de exaltação e dos lamentos e dos sambas-enredos cantados nas quadras. Por último, mas não menos importante, temos os intérpretes que, através da *Oralidade*, transitam entre as gerações “puxando” sambas-enredos *Memoráveis* para o povo carnavalesco.

Ou seja, todo o segmento de uma escola de samba transmite uma informação ao apropriar-se do samba-enredo escolhido para aquele Carnaval.

A fim de ilustrar a observação, aponto dois sambas-enredos importantes no cenário histórico da cidade: uma das obras é o samba de 1990, intitulado *Negro Areal*, da antiga escola de samba Garotos da Orgia, composto por Eugenio da Silva Alencar. O samba em questão versa sobre um dos mais antigos territórios negros da cidade, o Quilombo do Areal da Baronesa.

O trecho “No Porto Alegre de outrora, tem uma outra história que segue junto a vida da cidade. Era um alagadiço do Guaíba e do dilúvio, onde negros fundaram a sua comunidade. Então ali se proliferou a cultura e os costumes de além-mar que os africanos trouxeram para cá” vai ao encontro de princípios como *Memória* transmitida pela *Oralidade* e *Ancestralidade*, visto que o carnaval que a Garotos da Orgia levou à avenida, além de contar a história do Quilombo do Areal, abordando características e costumes da comunidade, também afirmou o protagonismo negro na cena porto-alegrense.

Outra composição que, sem dúvidas, é um dos clássicos do Carnaval da cidade é o samba de 1995 da Bambas da Orgia. Quem nunca sentiu a *Energia* do samba *Festa de Batuque*? O compositor Delmar Barbosa, em parceria com Paulo da Silva Dias, “já já”, estruturaram a letra do samba iniciando pelas nações da matriz africana e, logo após, seguem com as estrofes na ordem dos orixás, sendo a saudação ao orixá Bará a primeira dos versos, como mandam os preceitos religiosos: “Lalupô! Alupô! Lalupô Bará, abre caminhos para os Bambas desfilar, nesta festa de batuque em homenagem aos orixás”. Para além da *Energia Vital* do samba, podemos considerar também a *Religiosidade* e a *Corporeidade* presentes não só na letra, mas na forma como as pessoas dançam nos ensaios.

Muitas composições influentes *Circulam* pelo Carnaval de Porto Alegre que, mesmo com todo o desmonte e a consequente marginalização por ser pouco assistido pelo poder público, se mantém forte. Durante a pesquisa, dediquei-me a procurar letras de sambas-enredo escritas a partir de 1990 que contribuem para a educação prevista na interpretação do artigo 26 A da LDB, criado pela Lei Federal 10.639/03, mais tarde alterada para 11.645/08, que versa sobre a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira e Indígena, a fim de buscar no passado os aprendizados e as reivindicações que o festejo da cidade propõe. O resultado da pesquisa é parcial, visto que o samba-enredo, além de fazer parte da “história que segue junto à vida da cidade”, abriu-me a possibilidade de dar início ao meu Trabalho de Conclusão de Curso, cruzando suas contribuições e o ensino de História.

Muara Farias é carnavalesca, graduanda em História e pesquisadora em formação.

“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.”

Especial Novembro Negro 2022



Nesta edição especial alusiva ao Novembro Negro – série de eventos organizados pela comunidade universitária em função do Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro – o JU traz para reflexão diferentes aspectos sobre apagamento, resistência e memória do povo negro. Acesse todo material da edição [aqui](#).

Para ilustrar as matérias desse especial, apresentamos a obra do artista visual Gustavo Assarian, que utiliza o desenho como contraponto à impotência do ser humano diante do caos cotidiano. Acesse [aqui](#) o ensaio com as obras do artista.

CHAMADA ARTIGOS
CHAMADA ARTIGOS
CHAMADA ARTIGOS
CHAMADA ARTIGOS
CHAMADA ARTIGOS
CHAMADA ARTIGOS

O Jornal da Universidade está com chamada aberta para artigos escritos por pesquisadores, mestrands e doutorands. Clique e saiba como participar.

UFRGS | JORNAL DA UNIVERSIDADE

Posts relacionados

Gabriel Tossi e a busca por conhecimento

Porto Alegre: da catástrofe climática a uma reconstrução catastrófica?

Sociologia na educação básica e o enfrentamento da crise climática

Aprendizado no contexto da pandemia

INSTAGRAM

JornalDaUniversidadeufrgs
@JornalDaUniversidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

[View on Instagram](#)